

Discursos alternativos sobre a vacinação contra o HPV: análise das mensagens em uma comunidade virtual no Facebook

Marcelo Garcia^I

Resumo: Desde a sua introdução no calendário nacional de vacinação, a vacina contra o HPV (Gardasil) é fonte de muita polêmica e de alvo de diversos boatos, que circulam especialmente na internet. Entendidos como discursos contra-hegemônicos, que tencionam a fala oficial e o saber científico, os boatos representam enorme desafio para o planejamento e execução de ações de saúde, como a vacinação – e seu estudo pode levar ao desenvolvimento de novas práticas dialógicas de comunicação no Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo deste artigo é estudar as relações de troca estabelecidas num grupo aberto do Facebook intitulado “Sou contra a vacina HPV”, de forma a identificar discursos e fontes de informações compartilhadas pelos seus membros, para mapear os sentidos construídos em torno da polêmica vacina.

Palavras-chave: Boatos, saúde, vacina, HPV, redes sociais.

Alternative discourses on HPV vaccination: analysis of messages in a virtual community on facebook

Abstract: Since its introduction in the national vaccination calendar, the vaccine against HPV (Gardasil) is source of much controversy and target of several rumors, which circulate especially on the internet. Understood as counter-hegemonic discourses, rumors pose a huge challenge for the planning and execution of health actions, such as vaccination. A better understanding of hoaxes could allow the development of new and more dialogic communication practices to deal with them in the context of the Brazilian Unified Health System (SUS). The objective of this article is to study the social production of senses established in a public Facebook group entitled "I am against the HPV vaccine", in order to identify discourses and sources of information shared by its members, to map the meanings built around the controversial vaccine.

Keywords: Hoax, health, vaccine, HPV, social networks.

Artigo recebido em 14/03/2017 e aprovado em 05/04/2017.

Introdução

Em 2014 o Brasil adicionou a vacina tetravalente contra o HPV ao seu calendário nacional de vacinação e começou a vacinar meninas pré-adolescentes contra o vírus, relacionado ao desenvolvimento de diversos tipos de câncer na idade adulta, em especial o de colo do útero. A medida, no entanto, se tornou rapidamente o centro de uma enorme polêmica: além da oposição enfrentada pela prática da vacinação em certos

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

setores da sociedade e da desconfiança despertada pelos interesses políticos e econômicos que podem influenciar a introdução de novas vacinas no calendário oficial de um país, a vacina Gardasil recebeu muitas críticas específicas quanto à sua segurança e efetividade. Para colocar mais lenha nessa polêmica já inflamada, começaram a pipocar relatos de efeitos colaterais relacionados à aplicação do imunizante - tratados, em geral, como problemas pontuais e não-relacionados com a vacina pelas fontes oficiais.

Todos os discursos que passaram a circular na periferia da fala oficial compuseram uma fauna particular de boatos a respeito da Gardasil, inserida num conjunto mais amplo de boatos sobre vacinação de forma geral. Para este estudo, os boatos são classificados como mais do que simples informações falsas. Trata-se de discursos contra-hegemônicos que vão de encontro a discursos oficiais, tensionam o saber científico consolidado e, de alguma maneira, ganham certa legitimidade na medida em que circulam e ganham visibilidade nas redes sociais *online*.

A internet representa, hoje, talvez o mais importante campo de disseminação de boatos, por meio de blogs, sites e redes sociais. Isso torna a tarefa de tentar entender sua circulação nestes espaços ainda mais importante, uma vez que é na rede que boa parte da população se informa sobre temas de saúde e procura referências para embasar suas decisões pessoais nesse campo. Para isso, a proposta deste artigo é analisar as interações entre os usuários em um grupo aberto do Facebook intitulado “Sou contra vacina HPV”, criado para agregar pessoas contrárias a esse processo de vacinação.

Internet e (des)informação

O estabelecimento da chamada web 2.0 nos anos 2000 trouxe consigo maior autonomia aos sujeitos, agora inseridos tanto no processo de produção como no de disseminação das informações por meio de diversas ferramentas *online*. Essa é a base do novo paradigma sociotécnico do qual falam autores como o espanhol Manuel Castells, no qual praticamente todas as relações sociais que estabelecemos passam e são influenciadas, em alguma medida, pelo meio digital. Uma das principais características desse novo paradigma é a enorme quantidade de informações disponíveis, um verdadeiro dilúvio informacional. Dado de pesquisas sobre o acesso a essas tecnologias no Brasil mostram que boa parte da população brasileira está incluída nesse contexto^{II}.

É possível enxergar nas novas mídias um enorme potencial para o fortalecimento da cidadania. Pierre Lévy, por exemplo, acredita que a cibercultura permitirá a difusão de uma inteligência coletiva e a expansão da cidadania, através do exercício da tecnodemocracia. No entanto, a realidade tem se mostrado muito mais complexa e problemática. Isso por que a internet também cria, reflete e potencializa conflitos e tensões da sociedade. Como destaca o brasileiro Denis de Moraes, a nova ordem social que vem sendo construída está condicionada às decisões humanas, sujeita à dinâmica contraditória entre nosso lado sombrio e nossas fontes de esperança.

Por exemplo, são muito diferentes as possibilidades de cada grupo social de acessar a *web*. Mais do que isso, o simples fato de usar a internet não significa que o indivíduo tenha plena capacidade de compreensão das informações encontradas, ou saiba como utilizá-las. Uma vez que são necessários pré-requisitos tecnoculturais para acessá-la, é possível dizer que a rede reproduz formas de exclusão social já existentes. Outra grande questão contemporânea é a quantidade de informação disponível online, muitas vezes incompleta, incorreta ou incompreensível, o que pode contribuir para criar

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

mais confusão, ansiedade e incerteza. As oportunidades oferecidas por este turbilhão de mudanças são tão numerosas quanto seus desafios e a nova ordem social está “sujeita à dinâmica contraditória entre nosso lado sombrio e nossas fontes de esperança”^{III}. Castells também destaca que a internet não é capaz, por si só, de mudar comportamentos – ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são.

Quando entramos especificamente na área da saúde, o problema da confiabilidade da informação se agrava. Há uma quantidade cada vez maior de informação disponível na rede, assim como é crescente o uso da internet para a obtenção de informações sobre saúde. Nesse contexto, muito se tem discutido sobre o potencial da rede no empoderamento dos indivíduos como um instrumento para obtenção de conhecimentos e capacitação. Porém, uma discussão pertinente envolve a questão da qualidade dessa informação em saúde disponível na rede, uma vez que a incomensurável quantidade de informação *online* não tem qualquer tipo de avaliação de qualidade e, por isso, não raro apresenta-se incompleta, incorreta ou incompreensível para o cidadão comum.

Boatos virtuais: circulação e construção de realidade

Esta facilidade da produção, acesso e compartilhamento de informação torna a internet um campo profícuo à proliferação de boatos e rumores. O pesquisador Jean-Bruno Renard acredita que o fenômeno do boato é tão antigo quanto a palavra humana e permanece, ainda hoje, como uma de nossas fontes de informação. Se no ciberespaço uma informação encontra facilmente diversos caminhos através dos quais pode se propagar, é natural que discursos alternativos, que tensionam e colocam em xeque posicionamentos oficiais/hegemônicos, encontrem nele terreno para disseminação como nenhum outro. Como afirma Michel Foucault, o discurso não é simplesmente o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta^{IV}. Já Bourdieu^V lembra que as relações de comunicação são sempre relações de poder, que dependem, na forma e no conteúdo, do capital simbólico acumulado pelos agentes (e instituições) envolvidos.

A partir da obra do filósofo francês, Inesita Araújo defende que a prática comunicativa se organiza ao modo de um mercado, de natureza simbólica, onde os sentidos são permanentemente negociados^{VI}. Seu trabalho seminal no campo de Comunicação e Saúde também evoca os ensinamentos de Mikhail Bakhtin para colocar em relevo as ideias de polifonia e a de contexto: cada fala, cada enunciação é palco de expressão de uma multiplicidade de vozes, algumas arregimentadas intencionalmente pelo locutor e outras das quais ele não se dá conta. A esta rede de vozes que se articulam, se confrontam, se legitimam ou se desqualificam mutuamente no discurso social chamamos de dialogismo. Os discursos são, dessa forma, espaços por excelência onde se dão os embates sociais e se estabelecem as relações de poder^{VII}.

Por outro lado, numa dimensão bastante prática, políticas públicas – como a vacinação –, são delineadas com base em discursos hegemônicos, ou seja, discursos que obtiveram condição de legitimidade maior que os demais, a partir de embates e negociações em vários níveis, finalmente ratificados pelo nível simbólico, mesmo que provisoriamente. É justamente na circulação que a negociação dos sentidos se faz mais intensa, onde se amplificam e se fazem ouvir as muitas vozes que compõem os discursos, que se cruzam, entrecrocavam ou se associam, num movimento sinérgico.

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

A circulação de boatos, portanto, representa um enorme desafio de gestão para o Sistema Único de Saúde (SUS), que joga luz sobre a necessidade de se desenvolver novas políticas de comunicação para o sistema, mais horizontais e dialógicas. Araújo e Cardoso defendem que a comunicação do SUS é um dos principais gargalos enfrentados hoje para o aprimoramento do sistema, e que este tem como desafio superar os modelos teórico-metodológicos de natureza instrumental, bipolar e unidirecional^{VIII}. Os boatos, nesse sentido, representam uma disputa simbólica entre o discurso oficial e outros, marginais, na conformação dos sentidos sociais sobre a vacina - e as redes sociais estão no centro desse processo.

Para entender a dinâmica de disseminação de uma informação na rede, podemos recorrer à brasileira Raquel Recuero, que fala de um fenômeno característico das conversações nas redes sociais, a hiperconexão, uma amplificação das conexões por meio da adição de grande número do que a autora define como ‘conexões fracas’, pessoas que se conhecem muito pouco, gerando redes cada vez mais conectadas e com maior capacidade de transcender o grupo que as iniciou, navegando pelas conexões e ampliando a audiência e a participação na conversação em rede^{IX}.

Para o estudo do grupo do Facebook em questão, podemos lembrar que indivíduos numa rede social muitas vezes podem se sentir ‘entre amigos’, o que os levam a dar mais credibilidade a informações propagadas por ali – embora na interação *online* também ocorra considerável perda de qualidade pela ausência do contato físico entre os interlocutores. O estudo de um grupo permite observar, ainda, quais atores têm mais proeminência nas discussões, o que poderia garantir a eles maior capital social naquele contexto.

A vacina contra o HPV

Em 2014 e 2015, a introdução da vacina contra o HPV no calendário oficial brasileiro gerou muito questionamento a respeito de sua eficácia e da relação custo-benefício de sua aplicação pelo SUS. O assunto, abordado intensamente na mídia e nas redes sociais, chamou a atenção pela ampla utilização do discurso médico de profissionais identificados para tensionar o posicionamento oficial pró-vacina. A polêmica veio acompanhada pela circulação de outros boatos que costumam relacionar imunizantes a problemas como autismo^X. Os boatos circularam pelo aplicativo Whatsapp e nas redes sociais Twitter e Facebook. Nesse último, motivaram a criação do grupo analisado, ‘Sou contra a vacina HPV’^{XI}, que conta com mais de quatro mil membros e de outras páginas, grupos e comunidades. Mesmo que uma relação direta não possa ser estabelecida sem estudos mais aprofundados, fato é que a cobertura vacinal acabou sendo muito menor do que a esperada^{XII}.

Não é um exemplo isolado. O histórico de boatos sobre vacinação pode ser traçado de volta até a Revolta da Vacina, insurreição que ocorreu no Rio de Janeiro em 1904, quando a população se recusou a se deixar vacinar contra a varíola. Já na era da internet, em 2010, o *Influenza A (H1N1)* despertou uma onda de boatos que diziam, por exemplo, que o vírus havia sido liberado pela indústria farmacêutica^{XIII} para vender mais remédios e que a vacina contra a H1N1 poderia provocar infertilidade^{XIV}, numa estratégia para reduzir a população do planeta^{XV}. A proporção da circulação dessas informações foi tamanha que ganhou destaque em portais da mídia, afetou o sucesso das medidas governamentais para combate à doença e exigiu um pronunciamento oficial do Ministério da Saúde^{XVI}. O atual quadro de desconfiança contra vacinas não é exclusivo

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

do Brasil. Movimentos de pais que decidem não vacinar seus filhos vêm crescendo em outras partes do mundo, em especial nos Estados Unidos, que têm seus locais de encontro na internet e nos grupos de discussão *online*. Não se trata, aqui, de deixar de vacinar por ignorância ou falta de conhecimento: o movimento ganha força nas classes sociais com nível educacional mais alto, com mais acesso à internet e que mais utiliza a rede para obter informações sobre saúde.

Um último ponto importante nessa discussão é o papel do discurso médico/científico. Embora a ciência seja celebrada como expressão da criatividade do espírito humano e venha ampliando seu papel na elaboração de políticas, legislações e processos de tomada de decisões dos governos^{XVII}, os boatos sobre vacinação tensionam essa lógica e colocam em xeque mais de um século de pesquisas científicas. Eles o fazem a partir de diversos outros pontos de vista, sejam culturais, religiosos ou mesmo da própria ciência, apresentando evidências (cuja confiabilidade nos interessa discutir) opostas ao discurso hegemônico. Isso reflete as palavras de Pereira *et al*^{XVIII}, quando defende que, mesmo que a ciência se proponha a explicar todos os fenômenos por meio de métodos científicos, na população ainda existem crenças diversas relacionadas à saúde e os sentidos sociais são produzidos e legitimados nas dinâmicas relações entre os indivíduos.

Somos contra a vacina HPV

Acompanhamos a movimentação do grupo por sete dias, de 10 a 17 de agosto de 2015, analisando todos os *posts* alçados ao topo do *feed* de notícias do grupo nesse período, seja por serem novos ou por terem recebido novas atualizações (comentários). Esse objeto foi escolhido por ilustrar uma semana usual de troca de mensagens no grupo e também pela dificuldade de selecionar apenas os *posts* mais recentes, uma vez que o Facebook não oferece essa forma de organização do conteúdo dentro de grupos. No total, foram analisados 31 *posts*, publicados por 11 usuários. O usuário 1 foi responsável por 11 mensagens, seguido pelo usuário 2 (8), pelo usuário 3 (3), e pelo usuário 4 (2), enquanto os demais publicaram apenas uma vez. Entre os *posts* analisados, foi incluído o *post* fixado pelos administradores do grupo no topo de sua *timeline*, publicado originalmente em outubro de 2014, mas ainda em destaque.

As postagens foram categorizadas conforme a tabela 1, levando-se em consideração o tipo de conteúdo do *link* que ofereciam e o conteúdo predominante na mensagem publicada pelo autor da postagem. Algumas postagens foram classificadas em mais de uma categoria. Observa-se o predomínio dos relatos de casos, seja como histórias retratadas pela mídia, seja na forma de testemunhos diretos.

Categoria	Definição	Total	Subcategoria
Relatos de casos na mídia	Apresentação de casos específicos de efeitos colaterais relacionadas à vacina, com <i>link</i> para matérias veiculadas na imprensa nacional e internacional.	11	Mídia internacional: 9 Mídia nacional:

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

			2
Argumentação científica	Apresentação de <i>links</i> para páginas ou reportagens que tencionavam o discurso médico sobre a necessidade, segurança e eficiência da vacina.	9	---
Testemunhos	Testemunhos diretos de pessoas cujos filhos tiveram problemas relacionados à vacina, sem mediação midiática, em formato de texto simples, foto.acompanhada de texto e vídeo.	9	Texto: 6 Foto: 1 Vídeo: 2
Acusações	Denúncias contra governos (de diversos países), por descaso com os pacientes, por mentir à população e por envolvimento com grandes companhias produtoras de vacinas.	9	---
Luta por direitos	Casos de pessoas que estão processando governos locais pelos danos causados a seus filhos pela vacina –e até um oferecimento de auxílio jurídico ao grupo.	3	---
Panorama internacional	Postagens que traziam panoramas de casos de reação à vacina registrados, sem um foco específico em um único caso.	3	---

Tabela 1: Categorias de posts compartilhados

Quanto ao local em que ocorreram os casos, como mostra a tabela 2, nenhuma das matérias produzidas por veículos de imprensa divulgadas no grupo se refere a casos ocorridos no Brasil – são episódios, em sua maioria, da Europa e da América Latina. Os testemunhos também são, em sua maioria, estrangeiros, republicados no grupo por usuários brasileiros. Apenas dois deles são nacionais: um de uma mulher cuja irmã teria falecido devido a reações à vacina e outro de uma mãe que se disse impedida de receber benefícios governamentais se não vacinasse sua filha.

Relatos de casos		Testemunhos	
País	Total	País	Total
Colômbia	5	Colômbia	3
Espanha	2	Brasil	2
Austrália	1	Bolívia	1

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

México	1	Dinamarca	1
França	1	Estados Unidos	1
Dinamarca	1	Nova Zelândia	1

Tabela 2. Registros de casos compartilhados, divididos por país

A observação dos *links* compartilhados pelos usuários (inclusive nos comentários dos *posts*) permitiu traçar um panorama das fontes das informações compartilhadas. O predomínio de relatos sobre casos fez dos vídeos de redes de TVs e *sites* noticiosos locais, de diversos países, as fontes mais comuns. Novamente há o predomínio da Colômbia, com veículos como *Diario de Huila*, *La Tarde* e *Noticias Caracol*, mas também foram observados exemplos da Venezuela (*TV Telesur*), da Dinamarca (*TV2*) e da Suécia (*Aftonbladet*), entre outros. Os *links* para páginas brasileiras apontavam para conteúdos do G1 e do Fantástico, das organizações Globo, para o portal especializado Medicina e Saúde e para o site Notícias Naturais, que se apresenta como especializado em saúde e dedicado a informar “aquilo que muitas vezes é suprimido para que o bilionário mercado farmacêutico possa faturar alto”.

Os dois únicos *links* compartilhados de sites dos Estados Unidos foram *Occupy Corporatism*, portal independente e focado em jornalismo investigativo, com uma reportagem sobre os efeitos colaterais da vacina, e *The edgy Truth*, site dedicado exclusivamente à denúncia dos malefícios das vacinas em geral. Outro site parecido, mas da Colômbia e dedicado exclusivamente aos malefícios da vacina contra o HPV, *Así compartimos*, também apareceu nos resultados. Foi possível, ainda, identificar diversos outros grupos e páginas de grupos contrários à vacina do HPV, em países como Bolívia (*Afectadas Vacuna Papiloma*), México (*Afectadas mexico Vacuna Papiloma humano*), Espanha (*Asociación de Afectadas por la Vacuna del Papiloma humano*) e Dinamarca (*HPV Bivirkningsramte - åben side*), assim como de comunidades e grupos contrários à vacinação de qualquer tipo, como *Unvaccinated America* e *Vaccine Resistance Movement*, ambos dos Estados Unidos. Todas essas referências de caráter internacional ajudam a demonstrar a resistência o que a vacina contra o HPV vem enfrentando e a contextualizar a visão reticente a respeito da vacinação como um fenômeno crescente em todo o mundo.

Também é interessante notar a forte presença de *posts* que tensionam diretamente o discurso científico hegemônico, favorável à vacina, e o discurso oficial do governo. É preciso recordar que, apesar de considerar um aspecto importante da avaliação dos discursos sobre vacinação que circulam nas redes sociais, o artigo não se preocupou em avaliar a qualidade da informação contida em nenhuma das fontes dos conteúdos compartilhados, assim como também não se propôs a qualificar os argumentos científicos apresentados pelos membros do grupo em suas postagens ou disponíveis nos sites referenciados.

De volta à análise, muitas das mensagens publicadas no grupo trazem acusações contra o governo, por esconder a verdade sobre a vacina, abandonar os cidadãos à desinformação e estar envolvido em grandes esquemas de corrupção com as empresas produtoras dos imunizantes, como mostram os exemplos:

“GENTE QUE ABSURDO! MENTEM QUE AS HISTORIAS
MOSTRADAS DAS MENINAS QUE PASSARÃO MAL, NÃO SÃO

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK**

MARCELO GARCIA

VERDADE! (...) AQUI NO GRUPO TEM RELATOS DE OUTROS PAIS, ISSO É VERDADE!" (Usuário 1)^{XIX}

"E a Suécia na área de vacinas não está livre de corrupção! Três dos seis peritos que estavam por trás da decisão de colocar a vacina a disposição estava, ligados à indústria da vacina, e isso nunca foi contestado, escreve o jornal sueco Svenska Dagbladet." (Usuário 1)

Outros *posts* dão destaque a evidências científicas que contrariam o discurso oficial. Elas ressaltam o perigo representado pela vacina, em geral acompanhadas de falas de profissionais de saúde que não endossam a vacinação contra o HPV, de supostos estudos que comprovam seus possíveis malefícios e de acusações de que os riscos são conhecidos e negligenciados por governos e empresas da área.

"Gardasil Destrói ovários da menina: Investigação sobre os ovários e a vacina Nunca foi Considerado! (...) Merck não se incomodou de examinar os dois efeitos potenciais sobre ovários ou escondeu os resultados dos efeitos mostrado em exames quando foi testada." (Usuário 1)

"Chefe do Centro de Imunologia Tel-Hashomer disse : 'NÃO RECOMENDARIA PARA MINHA FILHA A VACINA ANTI- HPV' . . . Ele argumentou que a vacina tem adjuvantes à base de alumínio que podem causar distúrbios graves no corpo, e que tudo está bem documentado." (Usuário 2)

Por fim, outra mensagem comum reflete uma indignação dos usuários com a situação como um todo, com o oferecimento de uma vacina perigosa à população e com as falhas de informação oficial que permeiam todo o processo. Essas mensagens acionam outros tipos de discursos, relacionados a criação de vínculos por meio do grupo e ao empoderamento de seus membros, os quais, munidos de informações, podem refletir melhor e optar pela não-vacinação, diante do risco apresentado pela prática. É o que ilustram mensagens como essas:

"Esta vacina é uma autêntica fraude. Estão experimentando-a em nossos filhos", afirma um professor da saúde pública espanhola. (Usuário 6)

"A guerreira Maria Rivera denunciando no Senado de Cartagena (Colômbia) a vergonha que é aplicação desse veneno. Somente na Colômbia, foram reportados 760 casos de efeitos colaterais desta vacina e 3 mortes." (Usuário 5)

"PAIS ACORDEM SUAS FILHAS NÃO MERECEM CORRER O RISCO DE TEREM SUAS VIDAS TRANSFORMADAS COM A VACINA HPV!" (Usuário 1)

Considerações finais

O presente artigo foi elaborado como uma aproximação preliminar da temática da circulação de boatos sobre vacinação nas redes sociais. Entendemos que o tema tem impactos importantes na saúde da população e no planejamento de políticas públicas na área da saúde, além de representar fenômeno social característico de nossa sociedade em rede e de levantar a discussão sobre as práticas comunicativas dentro do SUS.

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

Parece haver uma disputa pela conformação da realidade entre atores sociais muito distintos, com as vozes, oriundas da sociedade civil, organizadas por meio da rede. Para honrar os preceitos democráticos e cidadãos do SUS, portanto, é preciso estabelecer pontes capazes de permitir o diálogo com atores posicionados nos extremos do mercado simbólico conceituado por Inesita Araújo. Não se trata aqui de buscar maneiras de calar as vozes dissonantes: pelo contrário, é preciso entender suas motivações, sua disseminação e dialogar com as novas visões de mundo e de saúde que emergem nesse início de século por meio das redes.

A temática reflete, também, outras discussões muito atuais, como o empoderamento dos cidadãos a partir do acesso facilitado a uma enorme quantidade de informação disponível na internet e o conseqüente tensionamento do discurso científico hegemônico. Apresenta-se, ainda, o questionamento sobre a tensa relação entre governos e complexo produtivo da saúde, que envolve relações de poder, políticas e econômicas, nem sempre muito claras para a população, alvo frequente de especulações sobre corrupção.^{XX}

A proposta do trabalho foi de realizar uma primeira aproximação dessas temáticas, dialogando com uma comunidade específica no Facebook e com autores que já trabalham nessas áreas. Espera-se que possa servir de ponto de partida para estudos complementares, que envolvam outras comunidades e grupos, abertos e fechados, relacionados à vacinação, no Brasil e no exterior, ou que observem as interações do grupo em outro momento, em especial no auge de uma campanha de vacinação contra o HPV no país. Não se trata de um trabalho acabado e fechado, mas de uma construção em andamento e de uma proposta de estudo das dinâmicas comunicacionais estabelecidas na internet sob a ótica da saúde, um campo crescente que tem um grande potencial a ser explorado.

Notas

^I Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz).

^{II} Números da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), referentes a 2013, mostram que 85 milhões de brasileiros (49,4% da população) já têm acesso à internet em casa. Dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), mostram que o país terminou 2014 com mais de 280 milhões de linhas de telefonia móvel, ou seja, mais de uma por habitante. Já a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 mostra que cerca de 92% das pessoas com acesso à internet utilizam redes sociais, com liderança do Facebook (83%). A pesquisa também mostra que 67% dos usuários utilizam a internet para se informar e 24% para estudar.

^{III} CASTELLS M. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. P.225

^{IV} FOUCAULT, M. A ordem do discurso Edições Loyola, 5a edição. São Paulo, 1999. P.10.

^V BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. P11.

^{VI} ARAÚJO, I. Razão polifônica: a negociação de sentidos na intervenção social. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 8. jul./dez. 2003. P46.

^{VII} ARAÚJO, I. Razão polifônica: a negociação de sentidos na intervenção social. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 8. jul./dez. 2003. P48.

^{VIII} ARAÚJO, IS; CARDOSO, JM. Comunicação e saúde: os princípios do SUS como ponto de vista. Ed. Fiocruz; 2007. P.62.

^{IX} _____. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: PRIMO, A. (Org.). Interações em Rede. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 54.

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

^X “Vacina contra o HPV: o que você precisa saber e o governo omite”. Site Mídia sem máscara. Disponível em: <http://www.midiaseम्मascara.org/mediawatch/noticiasfaltantes/denuncias/15050-2014-03-19-21-08-38.html>. Acesso em 23/09/2014.

^{XI} Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/contravacinahpv/>

^{XII} Procura pela vacina contra HPV cai pela metade em relação a 2014. Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2015/05/procura-pela-vacina-contra-hpv-cai-pela-metade-em-relacao-2014.html>

^{XIII} “Influenza A (H1N1): Premiando as transnacionais da epidemia, artigo de Sílvia Ribeiro”. EcoDebate. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2009/05/12/influenza-a-h1n1-premiando-as-transnacionais-da-epidemia-artigo-de-silvia-ribeiro/>

^{XIV} “Vacina H1N1 ligada a 700 por cento de aumento de abortos”. Notícias Alternativas. Disponível em: <http://noticias-alternativas.blogspot.com.br/2010/12/vacina-h1n1-ligada-700-por-cento-de.html>.

^{XV} “Boatos sobre vacina anti-H1N1 são 'irresponsáveis', diz Ministério da Saúde”. Portal G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1533578-5603.00-BOATOS+SOBRE+VACINA+ANTIHN+SAO+IRRESPONSAVEIS+DIZ+MINISTERIO+DA+SAUDE.html>

^{XVIXVI} Nota de esclarecimentos de boatos - Vacina contra H1N1. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.saude.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=521>

^{XVII} BARRETO, ML. O conhecimento científico e tecnológico como evidência para políticas e atividades regulatórias em saúde. Ciênc. saúde coletiva vol.9 no.2 Rio de Janeiro Abril./Junho. 2004, P.330.

^{XVIII} PEREIRA, BFB; MARTINS, MAS; BARBOSA, TLA; OLIVEIRA E SILVA, CS; GOMES, LMX. Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1. Ciência & Saúde Coletiva, 18(6): 2013. P. 1749.

^{XIX} Os comentários foram aqui reproduzidos sem qualquer alteração. Preservamos tanto os eventuais erros de português quanto as letras maiúsculas utilizadas por alguns usuários, no que parece uma tentativa de dar ênfase e dramaticidade ao seu comentário.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I. Razão polifônica: a negociação de sentidos na intervenção social. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 8, p. 46-57, jul./dez. 2003.
ARAÚJO, IS; CARDOSO, JM. Comunicação e saúde: os princípios do SUS como ponto de vista. Ed. Fiocruz; 2007.

BARRETO, ML. O conhecimento científico e tecnológico como evidência para políticas e atividades regulatórias em saúde. Ciênc. saúde coletiva vol.9 no.2 Rio de Janeiro Abril./Junho. 2004.

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CASTELLS M. A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, Dênis de (org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CASTIEL, L.D.; VASCONCELLOS-SILVA, P.R. Internet e o autocuidado em saúde: como juntar os trapinhos? História, Ciências, Saúde, v.9, n.2, p.291-314. 2002.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso Edições Loyola, 5a edição. São Paulo, 1999.

GARBIN, HBR; NETO, AFP; GUILAM, MCR. A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica. Interface Vol.12 no.26 Botucatu. 2008.

**DISCURSOS ALTERNATIVOS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O HPV:
ANÁLISE DAS MENSAGENS EM UMA COMUNIDADE VIRTUAL NO FACEBOOK
MARCELO GARCIA**

GARBIN, HBR; NETO, AFP; GUILAM, MCR. Internet na promoção da saúde: um instrumento para o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais. *Physis: Revista de saúde coletiva*. vol.22 no.1 Rio de Janeiro. 2012.

IASBECK, L.C. Os Boatos - Além e Aquém da Notícia. *Lumina, Juiz de Fora*, v.3, n.2, p.11-26, jul./dez. 2000.

KAPFERER, JN. Boatos: O meio de comunicação mais velho do mundo. Publicações Europa-América, Men Martins, 1988.

LÉVY P. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

_____. Pela ciberdemocracia. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MENDONÇA, APB; NETO, AFP. Critérios de avaliação da qualidade da informação em sites de saúde: uma proposta. *RECIIS. Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde*, 9(1); jan-mar/2015.

MOREIRA, VL; BASTOS, GG; ROMÃO, LMS. Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede. *Revista Calidoscópico, Unisinos*. Vol. 10, n. 2, p. 161-170, mai/ago 2012.

PEREIRA, BFB; MARTINS, MAS; BARBOSA, TLA; OLIVEIRA E SILVA, CS; GOMES, LMX. Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(6):1745-1752, 2013.

RENARD, JB. Você já sabe da última? PUCRS INFORMAÇÃO, Porto Alegre, No 133, p. 24-25, 2007. Entrevista concedida a Mariana Vicili

_____. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. *Revista Famecos*, nº 32, 2007. Porto Alegre.

RECUERO, R. Redes sociais, capital social e difusão e informações. In: CAVALCANTI, M.L. (Organizador). *Eu Mídia - A Era Cidadã e o Impacto da Publicação Pessoal no Jornalismo*. Rio de Janeiro: Opvs, 2008.

_____. O capital social em rede: como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporanea*, v. 10, p. 597-617, 2012.

_____. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: PRIMO, A. (Org.). *Interações em Rede*. 1ed. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 51-70.

REULE, D. A dinâmica dos rumores na rede: a web como espaço de propagação de boatos virtuais. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.